

**A EDUCAÇÃO DA MULHER PORTUGUESA NO ANTIGO REGIME:
UMA REFLEXÃO SOBRE A *CARTA DE GUIA DE CASADOS* DE
DOM FRANCISCO MANUEL DE MELO**

MARGARETE EDUL PRADO DE SOUZA LOPES
UFAC¹

“Os que se casam com mulheres maiores no ser,
no SABER, e no ter, estão em grandíssimo perigo.”
Carta de Guia de Casados, p. 34

Tratamos neste estudo do perigo que representava para o sistema patriarcal português, no tempo do Antigo Regime, uma mulher casada e da classe nobre ter acesso ao conhecimento intelectual, isto é, das academias, fosse na área da Medicina, das Leis, das Letras ou das Artes. A mulher européia, a portuguesa em particular, tinha pouco ou nenhum acesso à educação formal, sendo sua esfera de aprendizagem restrita aos temas relacionados à religião e economia doméstica. Para o levantamento dos fatos e hipóteses que circundam a questão, buscamos na literatura moralista da época o material que nos servisse de subsídio. Foram selecionados entre outros *O Espelho de Casados*² (1540), do Dr. João de Barros; *Dos privilégios e prerrogativas que o gênero feminino tem por direito comum e ordenações do reino mais que o gênero masculino*³ (1557), de Rui Gonçalves; *A descrição do reino de Portugal* (1610), de Duarte Nunes de Leão; *O casamento perfeito*⁴ (1630), de Diogo de Paiva de Andrada e A

¹ Este trabalho vem a ser um capítulo de sua dissertação de mestrado intitulada *Uma política matrimonial prudente: A Carta de Guia de Casados* de Dom Francisco Manuel de Melo, defendida em 1997 na UNICAMP.

² A edição em estudo é a de Tito de Noronha e Antônio Cabral, publicada no Porto, em 1875, numa tiragem de 210 exemplares, foi a segunda edição.

³ A edição utilizada aqui é um fac-símile publicado pela Biblioteca Nacional de Lisboa, em 1992, com apresentação de Elisa Maria Lopes da Silva.

⁴ Utilizamos aqui a edição da Sá da Costa, de 1982.

*Carta de guia de casados*⁵ (1651), de D. Francisco Manuel de Melo, e sobre este último recai a maioria das nossas reflexões sobre o tema.

Havia dentro da Igreja Católica, desde o século XII, duas correntes opostas de idéias: uma de acusação e outra do casamento (vida conjugal) e da mulher, enquanto sujeito. Muitos foram os sábios seculares e eclesiásticos que se debruçaram sobre o assunto, desde teólogos como Agostinho e Tomás de Aquino durante a Idade Média, como já nos séculos XV e XVI Nevisan, Tiraqueau, Erasmo, Rebelais, Christine de Pisan, Juan Luís Vivés e outros.

Em Portugal, as coisas progrediram de forma muito mais lenta, as vezes que se levantaram a favor da mulher foram fracas e isoladas, sem nenhuma influência diante dos numerosos opositores. Entre os defensores estão João de Barros, Rui Gonçalves e Duarte Nunes de Leão. O primeiro considera que há muitas mulheres mais dotas e sábias que os seus maridos, se algumas não sabem tanto é porque se ocupam de coisas mais próprias ao seu estado, como cuidar da casa e dos filhos. Mas arte, engenho, sutileza e discrição não faltam às mulheres (*Espelho de Casados*, folhas XXXVI e XXXVII). Rui Gonçalves, por sua vez, considera as mulheres tão capazes quanto o homem para as letras e todas as ciências, e acha estranho que as mulheres portuguesas de seu tempo não se apliquem ao saber como faziam as antigas gregas e romanas (*Dos privilégios e prerrogativas*, p. 05). Nunes de Leão elogia a aptidão das portuguesas para as letras e artes liberais, exaltando a educação da Infanta Dona Maria e outras talentosas damas da corte do século XVI. Quanto a este autor, afirma Boxer:

mas estas aristocratas eram somente as andorinhas que não fazem a primavera, e a pretensão de Nunes de que os portugueses não eram nada ciumentos e desconfiados acerca de suas mulheres, vivendo estas em reclusão por vontade própria, não consegue convencer. A sua posição pró-feminina não reflete a atitude da pequena nobreza e da fidalguia portuguesa, espelhada com maior rigor no anti-feminino *Tempo de Agora*, de Martim Afonso de Miranda e na *Carta de Guia de Casados*, de D. Francisco Manuel de Melo.⁶

Diogo de Paiva quase nada comenta sobre a educação feminina, exceto que “a cabeça das formosas não têm miolo” (p. 85), recomenda ainda que as mulheres se ocupem continuamente com suas costuras e bordados, porque estes afazeres conservam-nas em recolhimento, e que seus entretenimentos sejam o fuso e a roca, com a finalidade de remediar os necessitados e dar exemplo aos inferiores. As mulheres devem ocupar-se também com orações e a leitura

⁵ Usamos a edição da CARTA de GUIA organizada pelo biógrafo de D. Francisco Manuel, Edgar Prestage, publicada em Lisboa pela Renascença Portuguesa, em 1916, fiel à primeira edição de 1651.

⁶ BOXER, opus cit., p. 128.

apenas de livros sacros, sendo que as novelas de cavalaria têm que ser evitadas, sendo condenadas por serem muito perigosas. As novelas de cavalaria colocam idéias erradas nas cabeças das mulheres. Todos estes conselhos parecem deixar perfeitamente claro que o autor não acreditava que a mulher pudesse ter a mesma força intelectual do homem, mas, de fato, talvez esteja por trás de tais palavras o temor de que elas tivessem tanta capacidade mental quanto os homens, portanto, tornava-se sumamente necessário estar a dar constantemente tais conselhos e orientações conservadoras e rigorosas para a conduta e leitura das esposas.

Martine Sonnet afirma que Juan Luís Vivés, ao tratar da educação feminina na obra *Instrução da Mulher Cristã* (1523), estava consciente de abordar um tema ainda não considerado por outros pensadores e considera que o preconceito dos precedentes a Vivés provinha da falta de cultura. Martine afirma que *a mulher não tem acesso ao conhecimento para si mesma, mas para tornar a sua presença agradável aos que a rodeiam. Decididamente, ela não é feita para o saber, mas para o prazer e o bem estar do marido e dos filhos.*⁷ Essa idéia da mulher adquirir o conhecimento para agradar ao homem, começa a surgir em cidades como Roma e Veneza ainda no fim do século XV, assim descreve Angela Almeida:

Visto que as mulheres casadas dedicavam-se ao cuidado da casa, enquanto as solteiras e viúvas viviam enclausuradas, os homens passaram a buscar a boa companhia feminina para tertúlias literárias fora da *boa sociedade*. Assim, mulheres inteligentes, vindas do meio popular, passaram a ser o centro de suas *cortes*, de onde surgiu a palavra *cortesã*, enquanto as mulheres honestas passaram a ser chamadas de *damas da corte*.⁸

Depois, durante o século XVI, na França, surge a “*Querela das mulheres*”, cuidando não somente da defesa da excelência das mulheres para o papel de esposa e para o casamento, mas também de admiti-las nos círculos de discussão literária e filosófica.⁹ No início do século XVII, surgem as preciosas e duas das novelas de Molière tratam da aquisição do saber e do conhecimento pelas mulheres: *Escola de Mulheres* (1662), que defende a educação feminina e dez anos depois *Mulheres Sábias*, texto que se opõe ao tema, satirizando a educação de mulheres, considerando as pretensões femininas à cultura e à ciência como prejudiciais ao seu equilíbrio e à felicidade familiar.¹⁰

⁷ SONNET, “Uma filha par educar”, opus cit., p. 151.

⁸ ALMEIDA, Angela. *Mães, esposas...*, obra citada, p. 41.

⁹ ALMEIDA, idem, idem, p. 42.

¹⁰ ALMEIDA, idem, idem, p. 47.

No final do século XVII, aparecem duas correntes a respeito da educação feminina, de um lado os que procuravam limitar e orientar a instrução das mulheres, como o padre Fenelón, que em 1687 escreve o *Tratado de educação das moças*, destinado a formar boas esposas e boas mães. De outro lado, estavam os defensores dos direitos das mulheres, “entre eles aquele que é considerado o primeiro feminista, Poulain de la Barre. Sua obra, de 1693, *Da igualdade entre os dois sexos*, sustentava a idéia de que a inferioridade das mulheres tinha origem cultural e social, era uma herança da Antigüidade Clássica”.¹¹

Quanto a D. Francisco Manuel de Melo, autor da *Carta de Guia de Casados*, não nega às mulheres tal direito, mas como seus antecessores limita-o a assuntos pertinentes à religião, às obrigações do seu estado (de casada), isto é, aos assuntos domésticos (*CARTA*, p. 82). Atividades como saber tocar algum instrumento musical, ler e declamar poesia, praticar dança ou canto, são habilidades que devem ser limitadas ao lar, sem exibição pública, porque tais práticas são indícios de desenvoltura e os aplausos levam à perdição e à ambição, porque cultivam a vaidade, acabando a mulher por perder a sua casa no esforço de ganhar o mundo (*CARTA*, pp. 60-61). Também é perigoso a mulher querer conhecer o latim e a oratória, ou mesmo entender de guerra, política, magia ou ervas, pois terminará interferindo nos negócios do marido e na autoridade dele sobre ela e a família (*CARTA*, pp. 75-76). Por fim, o fidalgo Dom Francisco, da mesma forma que Diogo Paiva, alerta para o perigo da leitura de comédias e novelas de cavalaria que pode levar qualquer mulher, até a bem casada atrás de aventuras ilícitas; o risco é tão grande que o autor nem mesmo aconselha o noivo a ter uma biblioteca: muita leitura acarreta ociosidade, sedentarismo e descuido dos afazeres domésticos (*CARTA*, p. 90).

A posição de Melo pode parecer muito misógina à primeira vista, mas há que se considerar que havia toda uma tradição masculina de convicção na inferioridade intelectual feminina, nos séculos do Renascimento e Antigo Regime, e a Península Ibérica dos séculos XVI e XVII está repleta de escritos misóginos.¹² Basta citar como exemplo o padre Francisco de Vitória, que não tinha dúvidas da incapacidade intelectual das mulheres, afirmando:

A mulher não tem conhecimentos intelectuais, nem interessa que os tenha. Por consequência, não pode discernir em coisas do espírito. E seria perigoso confiar a

¹¹ ALMEIDA, idem, idem, p. 48.

¹² Ver de P. W. Bomli, *La femme dans l'Espagne du siècle d'or*. Madri: Haia, 1950, neste livro estão reunidas muitas das obras misóginas ibéricas.

saúde mental das almas a uma pessoa incapaz de distinguir o que é bom e o que é mau para elas.¹³

C. R. Boxer aponta alguns autores cujos trabalhos eram muito lidos e talvez muito influentes, devido a terem tido muitas edições quando de seu aparecimento, entre eles cita Juan Luís Vivés, Baltazar Gracián e até mesmo D. Francisco Manuel de Melo, do qual afirma que *aconselhava os homens a aferrolhar não só às filhas, mas também às esposas... e embora não o dissesse de maneira concreta, advogava convictamente que às mulheres só deviam ser acessíveis as primeiras letras*.¹⁴ Boxer e outros estudiosos da *Carta de Guia de Casados*, tais como José Cardoso Pires, Maria da Luz Marques da Costa, Angela Mendes de Almeida, Maria Helena Vilas-Boas e Alvim, Paullete Demerson e Alexandre Pinheiro Torres debruçaram-se sobre a misoginia de D. Francisco em razão de passagens como estas:

nos cuidados e empregos dos homens não se metam as mulheres, fiadas em que também têm como nós entendimento, e em que a alma não é macho, nem fêmea, como alguma em seu favor alegava. (CARTA, p. 85).

... entenda a mulher como mulher: seja tal sua lição quando ler, sua prática quando praticar...(CARTA, p. 86).

Ouvi a um chapado recoveiro que Deus o guardasse da mula que faz him, e da mulher que sabe latim; ... o ponto está em que o latim não é o que dana, mas o que traz consigo de outros saberetes envolto aquele saber...(CARTA, p. 86).

Tomara que as mulheres não soubessem de guerras, nem de estados, nem procurassem por isso. Enfadam-me umas que se metem em eleições de governo ... (CARTA, p. 87).

O melhor livro é a almofada e o bastidor, mas nem por isso lhes negarei o exercício deles (CARTA, p. 90).

Mas nenhum destes estudiosos preocupou-se com a sutileza e agudeza de pensamento com que sempre agia um discreto¹⁵. Num exame mais detalhado,

¹³ Francisco de Vitoria foi venerado como um dos fundadores do Direito Internacional e famoso pela sua atitude de relativa humanidade com os índios. Citado por BOXER, in: *A mulher na expansão ultramarina ibérica*, opus cit., p. 124.

¹⁴ BOXER, opus cit., p. 126.

¹⁵ O termo *discreto* é usado aqui com o sentido da época, sendo a capacidade de usar de agudeza, prudência, dissimulação na corte das monarquias absolutistas do século XVII. Nas práticas de representação social das cortes, a *discrição* é uma categoria intelectual que classifica ou especifica distinção e a superioridade de ações e palavras, aparecendo figurada no discreto, que é um tipo ou uma personagem do processo de interlocução. Ver a respeito em João Adolfo Hansen, "O discreto", in: *Libertinos, Libertários*. Organização de Adauto Novaes. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 83.

percebe-se nuances de diferença nos escritos de Melo, que não se encontra nos outros tratadistas. Se D. Francisco, discreto por excelência, repara que as mulheres não devem se intrometer nos negócios masculinos é porque devia estar acontecendo isto; se deseja que elas não saibam de guerras e política é porque elas sabiam, como registra a história oficial sobre as mulheres da Fronda, na França de Ana D'Áustria. O autor preferiria que elas não soubessem latim, para não aprender os saberes que o acompanham, mas entendesse e praticasse tão somente as lições pertinentes ao seu estado de mulher casada, de mãe e dona de casa. E outras passagens são ainda mais reveladoras:

Ser engraçada e aguda na visita, na Igreja, no coche e no paço, traz grandes inconvenientes consigo e difícilimos de se atalhar, porque das coisas a que se segue aplauso, ninguém se arrepende (CARTA, p. 66).

A agilidade no perceber e discorrer em que nos fazem vantagens, é necessário temperá-la com grande cautela (CARTA, p. 85).

Como folgo de ver uma mulher ignorar aquilo que não é razão (dela) saber, mas que verdadeiramente o saiba (CARTA, p. 86).

Não nos é lícito privarmos as mulheres do sutilíssimo metal do entendimento, com que as forjou a natureza, podemos, se quer desviar-lhe as ocasiões de que o agucem em seu perigo e nosso dano (CARTA, p. 85).

Observe-se que Melo, na primeira citação, admite que a mulher também pode ser aguda, capacidade reconhecida pelos outros moralistas como exclusivamente masculina. Depois, o autor afirma que a mulher tem vantagem sobre o homem em perceber e discorrer, consciente disso, aconselha os marido a terem cautela, isto é, toda a prudência possível. Do mesmo modo, o autor aprecia ver a mulher ignorar o que não deve saber, ainda que o saiba, ou seja, admira na mulher a capacidade de dissimular¹⁶, outra prerrogativa exclusiva do discreto naquela época. O discreto sempre aparenta reconhecer seu lugar na hierarquia, através de uma representação adequada. Hansen explica que “a dissimulação é entendida como uma técnica de fingimento moralmente virtuoso que oculta o que realmente existe.”¹⁷ Dom Francisco Manuel de Melo admira as mulheres capazes da dissimulação honesta, como diziam na época.

Não se pode negar que ele permanece um tanto quanto misógino, pois não defende em momento algum uma igualdade entre os sexos, pelo contrário, considera a aquisição de conhecimento por parte da mulher o maior perigo de

¹⁶ Torquato Acetto escreveu em 1624, um tratado denominado *Della dissimulazione onesta* (Da dissimulação honesta), onde descreve a necessidade e as técnicas de se encobrir a verdade que caracterizam o discreto católico.

¹⁷ HANSEN, “O Discreto”, obra citada, p. 89.

todos para o sistema patriarcal em que vive. Em resumo, como já foi descrito, Dom Francisco quer retardar o mais possível o acesso das mulheres a uma educação igual à dos homens, porque o saber traz desenvoltura, inconvenientes difíceis de lidar, o saber provoca o descuido das obrigações da casa, a tentativa de imitação na vida real do enredo das novelas e principalmente, a interferência feminina no mundo masculino.

D. Francisco Manuel, apesar das acusações de misógino, não fez mais do que agir como prudente em alertar aos maridos que as mulheres podem ser superiores no ser e no saber, que elas fazem vantagem aos homens em perceber as coisas, que têm por natureza a capacidade de entendimento igual à do homem e podem até mesmo interferir em todos os seus negócios bastando aprender os assuntos pertinentes aos mesmos. Nem poderia ser de outra formas, não seria possível esperar outra coisa de um perfeito discreto. A aquisição do saber por parte das mulheres era um dos maiores perigos para os maridos por ser elemento que confere poder e uma certa igualdade para as mulheres em relação aos homens. E na sociedade patriarcal o homem deve ter sempre todas as vantagens. Dominando o saber, a mulher alcançaria (como realmente alcançou ou vem alcançando) a possibilidade de intervenção na esfera social. Aprendendo a ser aguda e discreta seu poder aumenta, uma vez que se supõe que o discreto tenha os melhores instrumentos para o bem viver em sociedade. Enfim, o que D. Francisco sugere é que é preciso ensinar a esposa a submeter-se às leis do seu marido, que por sua vez também deve ser prudente e viver dentro das leis da discrição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Casamento, família, amor e sexualidade:

ALMEIDA, Angela Mendes de. (1992). *O Gosto do Pecado: Casamento e sexualidade nos manuais de confessores dos séculos XVI e XVII*. Rio de Janeiro: Rocco.

ANDRADA, Diogo de Paiva de. *Casamento Perfeito*. Prefácio e notas por Fidelino de Figueiredo, 2ª edição, Lisboa: Sá da Costa, 1982 (1ª edição em 1630).

ARIÈS, Philippe et alli. (1983). *Sexualidades Ocidentais*. Lisboa: Contexto.

_____. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar.

AUBERT, Jeane Marie. (1970). *Sexualité, Amour et Mariage*. Paris: Beuachesne.

BARROS, Dr. João de, (1874). *Espelho de Casados*. Porto: Imprensa Portuguesa.

DELUMEAU, Jean. (1978). *La Peur en Occident (XIVe - XVIIIe siècles)*. Paris: Fayard.

FLANDRIN, J. L.(1981). *Le sexe et l'Occident*. Paris: Seuil.

- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1977 (v. I) e 1985
- GONÇALVES, Rui. *Dos privilégios e prerrogativas que o gênero feminino tem por direito comum e ordenações do Reino mais que ho gênero masculino*. Prefácio de Elisa M. Lopes da Costa. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1992 (ed. fac-similar da 1ª ed. de 1557).
- LEBRUN, François. *A vida conjugal no antigo regime*. Lisboa: Rolim, s/d.
- LEÓN, Fray Luis de. *La Perfecta Casada*. 3ª edição, Buenos Aires - México: Espasa -Calpe Argentina, s/d (1ª edição em 1583).
- MÉTRAL, M. (1977). *Le Mariage: les hésitations de l'Occident*. Paris: Aubier.
- ROUGEMONT, Denis de. (1968). *O Amor e o Ocidente*. Lisboa: Morais Edit.
- VAINFAS, Ronaldo. (1986). *Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão*. São Paulo: Ática.
- A educação das Mulheres:*
- ALMEIDA, Angela Mendes de. (1996). *Mães, esposas, concubinas e prostitutas*. Seropédica: EDUR.
- BOXER, C. R. (1977). *A Mulher na Expansão Ultramarina Ibérica: 1415 - 1815. Alguns fatos, idéias e personalidades*. Lisboa: Livros Horizonte.
- DUBY, George e PERROT, Michelle (Org.). (1994). *História das Mulheres: Do Renascimento à Idade Moderna*. Vol. III, Porto e São Paulo: Afrontamento e Ebradil.
- KING, Margaret L. (1994). *A mulher do Renascimento*. Lisboa: Presença.
- LOPES, Maria Antónia. (1989). *Mulheres, Espaço e Sociabilidade. (A transformação dos papéis femininos em Portugal á luz de fontes literárias)*, Lisboa: Livros Horizonte.
- PISAN, Christine de. (1987). *Espelho de Cristina*. Lisboa: Biblioteca Nacional, (fac-símile da 1ª edição em 1518).
- VIVES, Juan Luis. (1944). *Instrucción de la Mujer Cristiana*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, (publicado em latim em 1524, e em castelhano a partir de 1528).
- OLIVEIRA, Aurélio de. (1986). "A mulher no tecido urbano dos séculos XVII e XVIII", in: *mulher na sociedade portuguesa. Visão histórica e perspectivas atuais*. Atas do Colóquio, Vol. I, Coimbra: Faculdade de Letras e Instituto de História Econômica e Social.
- PINHO, Sebastião Tavares de. (1986). "O primeiro livro feminista português" in: *A mulher na sociedade portuguesa ... opus cit.* Vol. II.
- VELOSO, Carlos José Rodarte de Almeida. (1986). "Imagem e condição da mulher na obra de autores portugueses da 1ª metade do século XVII." in: *A mulher na sociedade portuguesa ... opus cit.* Vol. II.